

## RESENHA DO ARTIGO: ESPORTES DE AVENTURA PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: O QUE DIZEM SOBRE A PRÁTICA?

Alexandre Rodrigues Simões - 600897590

André Ribeiro de Moura - 600873144

Maria Clara Braga Penido Boaventura - 600867018

O artigo qualitativo, de cunho descritivo e exploratório, foi publicado na revista *Pensar a Prática* por Silva e Salerno (2020), com o objetivo de analisar a relação da pessoa com deficiência visual com os esportes de aventura, em particular aqueles praticados na natureza. Primeiramente, é possível citar que a temática do artigo é de grande importância para o âmbito acadêmico e social, já que a nossa sociedade atual é excludente e capacitista, deixando de lado as atividades que atendem a essas pessoas.

O estudo teve o cuidado de desenvolver um programa de exercícios voltados para as amostras, levando em consideração as expectativas e o nível de interação social dos indivíduos, inserindo os jogos e as brincadeiras. No primeiro momento do estudo, os sete participantes foram inseridos em uma roda de conversa sobre a manipulação dos equipamentos, uma vez que a manipulação tátil é um excelente mecanismo de aprendizagem; realizaram jogos e brincadeiras, como cabo de guerra, transportes de pessoal, balanço com a corda presa a uma árvore e ligada a uma cadeira pelo mosquetão, a fim de testar a resistência dos equipamentos; visitaram uma academia de escalada e tiveram aulas de slackline; exploraram diversos tipos de terreno e suas superfícies irregulares. Esse tipo de conduta é vista como positiva, pois há a necessidade de reconhecer os determinantes emocionais e sociais para a implementação da próxima fase do estudo.

Após o reconhecimento, foi proposto um programa de exercícios que contemplaram o rapel, trekking e escalada, em uma cachoeira de 30 metros, na mata. Todo o estudo foi norteado por profissionais da Educação Física especializados para lidar com a situação analisada, proporcionando aos participantes conforto e segurança mediante a situação de deficiência visual.

A interação social teve o seu destaque na discussão do estudo, pois a pessoa com deficiência pode sofrer o estigma da sociedade, acarretando a ela o abandono e a falta de interação com pessoas da mesma idade com os mesmos interesses. Esse tipo de proposta retira o indivíduo de uma convivência exclusiva com os familiares, levando à aventura e à exploração de novos cenários que podem ser simulados em academias.

Ao longo dos oito meses de treinamento, os acadêmicos estiveram presentes poucas vezes. Isso se deu em virtude de que os esportes de aventura, dentro de uma vertente comercial, podem ser uma prática na qual não se exige treinamentos intensivos prévios. No entanto, eles não terem participado constantemente das oficinas gerou um grau de insegurança nos acadêmicos, que culminou num nível elevado de preocupação e ansiedade no momento das atividades práticas. Entretanto, como já mencionado antes, é muito importante que haja a interação entre pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência. Isso ajudou muito na confiança dos

participantes e principalmente na importância de fazerem eles se sentirem incluídos em quaisquer que sejam as ocasiões.

## REFERÊNCIAS

SILVA, C. B. da.; SALERNO, M. B. **Esportes de Aventura para pessoas com deficiência visual**: o que dizem sobre a prática. Pensar a Prática, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/60450>. Acesso em: 26/11/2022.